

# RAÍZES DO MAL





Maurice G. Dantec

# RAÍZES DO MAL

Tradução de  
Juremir Machado da Silva



*Editora Sulina*

© Editora Meridional/Sulina, 2009

© Éditions Gallimard, 1995

Título original: Les racines du mal

Capa: Eduardo Miotto

Projeto gráfico: FOSFOROGRÁFICO/Clo Sbardelotto

Editoração: Clo Sbardelotto

Revisão: Simone Ceré

Revisão técnica: Álvaro Larangeira

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

1ª reimpressão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

---

D192r Dantec, Maurice G.

Raízes do mal / Maurice G. Dantec; tradução de  
Juremir Machado da Silva . – Porto Alegre: Sulina, 2015.  
543 p.

Tradução de: Les racines du mal  
ISBN: 978-85-205-0542-7

1. Literatura Francesa - Romance. 2. Romance Francês.  
I. Título.

CDD: 843

CDU: 840-3

---

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 – conj. 101

CEP: 90035-190 – Porto Alegre – RS

Tel.: (51) 3311-4082

sulina@editorasulina.com.br

www.editorasulina.com.br

Novembro / 2015

Impresso no Brasil / Printed in Brazil



*Liberté • Égalité • Fraternité*  
RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

« França.Br 2009 » l'Année de la France au Brésil (21 avril – 15 novembre) est organisée:

– en France, par le Commissariat général français, le Ministère des Affaires Étrangères et Européennes, le Ministère de la Culture et de la Communication et Culturesfrance;

– au Brésil, par le Commissariat général brésilien, le Ministère de la Culture et le Ministère des Relations Extérieures.

« França.Br 2009 » Ano da França no Brasil (21 de abril a 15 de novembro) é organizado:

– na França, pelo Commissariado geral francês, pelo Ministério das Relações Exteriores e Europeias, pelo Ministério da Cultura e da Comunicação e por Culturesfrance;

– no Brasil, pelo Commissariado geral brasileiro, pelo Ministério da Cultura e pelo Ministério das Relações Exteriores.

**França.Br** 2009



*A literatura policial e a metafísica  
estão ligadas pela importância que dão à morte  
como experiência humana primordial na vida.*

Robin Cook

*O diabo é frio.*

Henrich Heine





---

## AGRADECIMENTOS BIBLIOGRÁFICOS E OUTROS

- “Cartea neagra”: Jean-Paul de Longchamp, por “A guarda de ferro”, edições SEFA, 1975.
- Isaïe Tishby, por “A cabala”, in “Enciclopédia da mística judaica”, edições BERG International.
- Benjamin Gross, por “Messianismo e escatologia”, edições BERG International.
- Colin Wilson, por “Ser assassino”, edições Alain Moreau, 1977 (“Oder of assassins, the psychology of murder, Rupert Hart-Davis, Londres, 1972).
- Timothy Leary, por “Memórias ácidas”, edições Robert Laffont, 1984 (“Flashbacks”, J. P. Tarche Inc, Los Angeles, 1988).
- Stéphane Bourgoïn, por “Serial Killers”, edições Grasset, 1993.
- Ann Rule, por “Um assassino tão próximo”, biografia de Ted Bundy, edições J'ai Lu, 1993 (“The Stranger beside me”, New American Library, Nova York, 1980).
- Raoul Vaneigem, por seu “Tratado de bem-viver para uso das novas gerações”, Folio/Actuel, Gallimard, 1992.
- Wilhelm Reich, por “A psicologia de massa do fascismo” e “A revolução sexual”, Pequena Biblioteca Payot, 1977, e Union Générale d'Éditions 10/18, 1970.
- Fausto Antonini por “O homem furioso, a agressividade coletiva”, edições Hachette, 1970.
- Daniel Keyes, por “Billy Milligan, O homem de 24 personalidades”, estudo romanceado do caso de múltipla personalidade de Billy Milligan (“The minds of Billy Milligan”, Random House, Nova York, 1981).
- Yves Coppens, por “O macaco, a África e o homem”, Fayard, 1983.
- Marceau Felden, por “O sonho de Minerva, o cérebro e as ciências do artificial”, edições Lieu Commun, 1987.

• Illya Prigogine e Isabelle Stengers, por “Nova aliança”, Gallimard, 1979, e “Entre o tempo e a eternidade”, Flammarion, 1992.

• Gilles Deleuze e Félix Guattari, pelo conjunto da obra.

• Jean Baudrillard, idem.

• Stephen Hawking, por “Uma breve história do tempo”, Flammarion, 1989.

• Trinh Xuan Thuan, por “A melodia secreta”, Fayard, 1988.

• Gerard K. O’Neill, do Space Studies Institute, pelas suas pesquisas sobre o avanço do homem no espaço, in “Os planetas artificiais”, de Wim Dannau, Enciclopédia Bordas.

• Equipe de Biosfera II, pela Biosfera II.

• Nietzsche, por “Genealogia da moral” e “Para além do bem e do mal”, Union Générale d’Éditions 10/18, 1970 e 1974.

• Charles Baudelaire, pelas “Flores do mal”.

• Billy Idol, pelos álbuns “Whiplash smile” e “Charmed life”.

Iggy Pop, por “The idiot” e “American Caesar”. U2, por “Achtung baby” e “Zooropa”.

• Maomé, pelo Alcorão.

• São João, por seu Evangelho.

• “O livro dos esplendores”.

• Apple Corp, pelo Macintosh, e Microsoft, pelo Word.

• Jalal Ud-Din Rumi, por “Fîhi-mâ-fihî” (O livro do interior – poemas místicos). Biblioteca Persa, edições Sindbad, 1976.

• “O livro da escada de Maomé”, Lettres Gothiques, Le Livre de Poche, 1991.

• Emir Abd-Al-Qâdir, o argelino, “Poemas metafísicos”, Edições de l’Oeuvre, 1983.

• O Todo-Poderoso, pelo “Delta-tetrahydrocannabinol”.

E a Sylvie, pelo seu amor e pelo seu real apoio aos meus delírios.

---

Primeira parte

O ÚLTIMO HOMEM ..... 13  
(capítulos 1 a 11)

Segunda parte

MÁQUINA CONTRA MÁQUINA ..... 89  
(capítulos 12 a 19)

Terceira parte

DOUTOR SCHIZZO ..... 185  
(capítulos 20 a 27)

Quarta parte

O LIVRO DAS TREVAS ..... 329  
(do capítulo 28 ao epílogo)

---



---

Primeira parte

O ÚLTIMO HOMEM

*Talvez ao matar se ganhe em santidade.  
Pode ser, quem sabe, uma maneira de descobrir  
o mistério de Deus.*

James Crumley

In “Um para marcar a cadência”.

*Did you hear about the midnight Rambler  
Everybody got to go  
Yeah, I'm talkin' 'bout the midnight gambler  
The one you've never seen before.*

Jagger/Richards

“Midnight Rambler”

---



---

Andreas Schaltzmann começou a matar porque seu estômago estava apodrecendo.

Não era um fenômeno isolado, muito ao contrário. Fazia algum tempo que as ondas cósmicas emitidas pelos aliens mudavam os seus órgãos de lugar. O cérebro dele foi submetido a um bombardeio de radiações com o objetivo de transformá-lo, *como todos os outros*, num robô sem consciência a serviço de uma maquinaria inumana.

Havia alguns anos que os nazistas e os habitantes de Vega estavam instalados no seu bairro. Era certo que eles não ficavam só ali. Por toda parte, inclusive nos mais altos escalões do Estado, o complô das Criaturas do Espaço estendia as suas ramificações destrutivas. Andreas dava-se conta disso a cada dia olhando os programas de televisão. O apresentador de um jogo conspirava contra o Papa e contra o primeiro-ministro Balladur, tudo levando a crer que transformava as pessoas em bonecos.

Nessa época, Andreas já havia raspado a cabeça para “controlar o osso do crânio que mudava de forma”, mas fazia algum tempo que usava um boné de beisebol para se proteger dos raios psíquicos.

Naquela manhã, Andreas percebeu que seu estômago estava apodrecendo quando o tubo de pasta de dente começou a brilhar antes de se transformar em carne morta. Uma lama sanguinolenta com cheiro de esgoto escorreu entre os seus dedos formando um turbilhão em torno do ralo e fazendo um barulho incrível de sucção. Olhou-se no espelho e viu o espetáculo de um monte de carne viva rasgando-se em vários pedaços até se espalhar pelo chão.

Ele, que não dormia sem o boné havia vários meses, retorceu o pano desbotado e sujo repetindo a “fórmula de proteção”. Por fim, fugiu, abandonando a casa. Passou o dia rodando pelas estradas e, ao cair da noite, deixou a A86 e pegou a nacional 305, no limite entre Choisy-le-Roi e Vitry. Ali perto a nacional se chamava Avenida

Rouget-le-Lisle, mas, um pouco mais longe, ele sabia que entraria numa zona controlada pelas criaturas de Vega.

Existiam campos de concentração por ali disfarçados de blocos residenciais para estrangeiros em trânsito ou de grandes HLM, esses alojamentos de interesse social e aluguel moderado, cujas iniciais significavam realmente “Horizontaux Logements Mortels”, segundo a nomenclatura secreta dos ministérios aliens: eram as grandes barras horizontais formadas pelos edifícios dos conjuntos residenciais de Balzac, Marroniers, Couzy e da Comuna de Paris. Schaltzmann sabia bem que se tratava de campos de morte lenta onde se apodrecia sem sair do lugar. Algumas vezes, perguntou-se quando os detentos se revoltariam de uma vez por todas como em Mauthausen ou em Sobibor.

Nessa noite, a senhora Dussolier abriu seu guarda-chuva ao sair de casa, no boulevard de Stalingrad. Um chuvisco, típico do final de setembro, começava a molhar o universo.

Andreas rodava suavemente, meio derrubado pelos barbitúricos, mas de olho atento, à espreita, quando a viu nitidamente abrir a sua antena. Toda a avenida estava infestada de nazistas, de aliens e de muitas criaturas disfarçadas de seres humanos para espioná-lo tranquilamente. Os nazistas haviam devorado muita gente em Stalingrad e também tinham perdido muitos dos seus. Ali sempre fora uma das suas fortalezas.

A mulher estava em comunicação com os satélites, uma armada de satélites lançada a cada ano pela conspiração das estrelas. Essa cadela de espiã o localizara e transmitia informações para os esquadrões encarregados de capturá-lo, se possível, vivo, a fim de enviá-lo diretamente para o inferno orbital onde sua carne serviria de alimento aos aliens antropófagos.

Andreas guinou o volante para a direita e enfiou o pé no acelerador. A carroça velha deu um salto e um guincho de dor quando atingiu a calçada. A espiã só teve tempo de se virar e de abrir a boca.

O choque produziu um ruído de saco de batatas. Ela voou de encontro ao para-brisa, a cabeça na frente, enquanto o corpo realizava um salto carpado para o alto. O rosto revelava uma incredulidade total antes de bater no vidro e no metal.



Ouviu-se um splash e o corpo se espatifou contra o teto, dança efêmera de duas pernas grossas cheias de varizes socadas dentro de meias de seda marrom sob um vestido florido coberto de sangue. Um baque surdo acima da cabeça. Uma massa disforme caindo na calçada vista pelo retrovisor.

O vidro ficou levemente trincado junto ao ponto de impacto, coberto por uma matéria vermelho-escura que se misturava com a água da chuva expulsa pelo limpador de para-brisa. Imediatamente o carro atropelou as caixas expostas na frente de um mercadinho árabe. Ouviu-se um forte barulho de madeira molhada. Um dilúvio de frutas e legumes derramou-se sobre o para-brisa e o capô: cenouras, pimentões, alfaces, maçãs, uvas, pêssegos e bananas. Era como se os tesouros de uma cornucópia generosa santificassem o seu ato.

Andreas retirou-se da calçada 20 metros adiante e enfiou o pé no acelerador, passando um sinal amarelo bem maduro e deixando para trás um rastro vegetal.

O comerciante árabe só teve tempo de correr do fundo do mercadinho para verificar os estragos e ver sumir um “carro verde, ou marrom, modelo perua”, ao final da longa reta que se estende junto aos armazéns laranja e azul da “Foir Fouille”. O sinal estava aberto. O carro pegou à direita, para o lado da pista de patinação.

Geneviève Dussoulier morreu ao dar entrada no hospital, em 22 de setembro de 1993, às 20h15.

O caso acabou arquivado como o ato de um “motorista tendo cometido uma infração caracterizada e fugido”. Os policiais procuraram sem muito empenho nas localidades em torno, Balzac, Couzy, Comuna de Paris, veículos com marcas suspeitas. Interrogaram alguns suspeitos, imediatamente liberados. O dossiê acabou sepultado num arquivo metálico.

Andreas Schaltzmann voltou para casa num estado de perplexidade total. Engoliu um bom litro de água com medicamentos prescritos no tratamento seguido no hospital de Villejuif. Dormiu como chumbo e, quando acordou, doze horas depois, seguiu no mesmo ritmo. Segundo suas declarações, esquecia completamente toda noção de tempo nesses momentos a ponto de não saber se os

seus atos passados eram reais ou a consequência de implantes de memória programados pelos aliens enquanto ele dormia.

Nessa noite, quando chegou à sua pequena e cinzenta casa, junto ao Sena, na divisa de Vitry com, ao norte, Ivry-sur-Seine, correu os olhos por uma área à espera da demolição e encheu-se de ódio ao ver um outdoor da empresa Bouygues.

Bouygues, proprietária da TF1, era também a grande companhia mundial da construção civil. Nessa emissora de televisão atuava o apresentador que conspirava contra o Papa. Bouygues era uma das peças centrais no complô das criaturas de Vega. Queria demolir-lhe o bairro, a sua casa, para obrigá-lo a embrenhar-se, só e desprotegido, num universo dominado pelos nazistas, pelas radiações e pelos pseudo-humanos. Mas o próprio Bouygues não passava de um peão num tabuleiro mais amplo e inquietante.

Não havia dúvida de que os seus pulmões estavam esburacados. O baço liberava um bloco de calcário que viajava pelo seu corpo. O estômago apodrecia como um pedaço de carne inanimada.

Depois de alguns dias de sono neuroléptico, Andreas Schaltzmann retomou pouco a pouco a vaga estrutura que lhe servia de real.

Passou o dia olhando televisão, comendo biscoitos molhados no leite quente, macarrão e pepino, os únicos alimentos que não estavam infectados pelos vírus extraterrestres.

À noite, percebeu, de repente, que seu coração estava apertado. A perseguição incessante que lhe faziam os aliens atingia um estágio superior. Diante do inevitável, tomou uma decisão.

Precisava de sangue.

Apenas o sangue poderia injetar vida no coração do seu organismo e combater a guerra microbiológica lançada para destruí-lo. O sangue era sagrado e aquilo que nos unia ao Senhor Jesus Cristo. Somente o poder divino poderia interromper a transformação odiosa pela qual passava o seu corpo.

Parecia-lhe que o seu organismo expelia odores pestilentos como os dos ratos mortos que a tia Berthe deixava apodrecer para usar nas suas poções de feiticeira.

Decidiu usar sempre uma máscara antipoluição, não apenas quando saísse a pé (a velha 504 o protegia dos gases e das radiações disseminadas pelos aliens), mas também dentro do apartamento, que não queria empestar. A partir daí, usou a máscara dia e noite depois de tê-la exposto aos raios emitidos pelo tubo da televisão. Criou uma “fórmula de proteção”.

Andreas Schaltzmann saiu de casa pelas duas horas e quarenta e cinco. Estava armado com sua pequena carabina 22 cano longo enrolada num saco de lixo preto capaz de protegê-la das radiações inimigas.

Matou dois gatos, despedaçou-os na cozinha e os bateu no liquidificador. Tomou vários copos dessa gosma sanguinolenta na janela que dava para o Sena. Depois, foi olhar televisão.

O telefone tocou durante a noite. Andreas perguntou-se quem podia ser, pois havia muito que não recebia ligações. Pensou que podia ser o seu pai e, finalmente, tirou o fone do gancho.

Ouviu a voz da sua mãe.

Sua mãe que morrera uns três anos antes.

Ela falou numa língua incompreensível. Em seguida, ordenou que ele bebesse todo o sangue da banheira.

Na noite seguinte, Andreas conseguiu penetrar no cemitério de Choisy-le-Roi, junto ao rio. O cemitério, sob um céu coberto, estava mergulhado na escuridão.

Foi até a sepultura da mãe e se deitou na pedra úmida.

Podia sentir as vibrações sob a espessa cobertura do túmulo. O coração da mãe batia e a voz dela acabou por ressoar na cabeça dele:

– O Sangue do Santo Graal... O Sangue de Cristo! Você tem de beber todo o Sangue de Cristo...

Amanhecia quando ele chegou em casa. A consciência só lhe voltou quando já estava ao volante da 504. O sinal acabava de ficar verde. Alguém buzinaava atrás dele. Era um cara num Fiatzinho com pressa de chegar ao seu trabalho de escravo dos aliens. Andreas, antes de acelerar, enviou-lhe um feixe de ondas psíquicas negativas.

Matou, no caminho, com a 22 que já não largava, um gato e um cachorro. Jogou os cadáveres na traseira do carro e, em casa, como na outra vez, despedaçou-os e moeu no liquidificador.

Passou a manhã bebendo sangue em copos plásticos.

No dia seguinte, Andreas Schaltzmann comprou coelhos em quantidade industrial em muitos açougues da cidade e dedicou-se a moer vários deles, produzindo um coquetel de vísceras, de sangue e de Coca-Cola.

Matou o tempo diante da televisão bebendo tigelas cheias dessa mistura.

No começo de outubro de 1993, compreendeu que a perseguição da qual era vítima acabava de passar a um estágio superior.

As ondas cósmicas utilizadas pelos aliens atacavam então o seu cérebro, que ele imaginava roído por um fungo cor de líquen.

Ficou dias inteiros na cama com a cabeça coberta de rodelas de laranja e de limão a fim de combater a dor com a absorção de vitamina C.

Matou, nos arredores, quando a noite caiu, vários gatos e cães. A sua dose diária de sangue animal beirava os dois litros. Transformara a cozinha em abatedouro. Vários cadáveres, pendurados num fio estendido na peça, esperavam para ser esquartejados e moídos.

Pela metade de outubro, uma diarreia horrorosa o levou, depois de algumas horas de luta, a perceber o óbvio: estava perdendo a batalha contra os vírus extraterrestres.

No dia seguinte, comprou muitas caixas de munição e decidiu, para obter sua ração animal, só sair de casa à noite.

Alguns dias depois, duas coisas aconteceram, quase na mesma hora, na telinha de Andreas. Dois acontecimentos menores, mas de consequências imprevisíveis.

Às 20 horas, trocou de canal, parando no 2 (jamais olhava TF1 por ser do grupo Bouygues e por saber que os aliens a usavam como programa de reeducação psicológica através da utilização de imagens subliminares e de raios cósmicos invisíveis). Às 20h19, depois das notícias internacionais mostrando que o governo da Nova Zelândia e da nova Renault-Volvo haviam aderido à cruzada

contra o Papa, falou-se de um fato aparentemente anódino ocorrido num subúrbio próximo.

No lugar em que o Marne encontra o Sena, uma indústria farmacêutica jogou desastrosamente no rio algumas toneladas de água não tratada. Um líquido esverdeado e cremoso começou a descer o curso do rio até a frente da casa de Andreas, formando uma imensa nata que acabou se estendendo de Port-à-l'Anglais até Pont de Bercy. A fauna local foi exterminada e a flora tornou-se vítima de uma mutação que acarretou a proliferação de uma alga cinza-azulada capaz de resistir durante meses à ação das equipes antipoluição.

Às 21h21, segundos antes do fim dessa reportagem, a antena da televisão fixada no telhado foi alvo de um ataque dos aliens. Era a prova de que ele não devia saber mais. Um chuvisco tomou, aos poucos, conta da tela.

Andreas entrou quase que imediatamente num surto desesperado de raiva.

Andou em volta da televisão estragada orando para o Senhor Jesus Cristo e maldizendo os barcos de intervenção cujas manobras ele adivinhava perfeitamente. Não era produto para dispersar a poluição que eles jogavam na água. Tratava-se, na verdade, de uma operação encomendada pelo laboratório farmacêutico para criar uma mutação genética. Quando se descobriu essa epidemia de alga tropical, Andreas viu nisso a prova cabal de que todas as suas intuições estavam certas.

Percebeu que o canal FR2 não pegava mais no seu aparelho. Continuou vendo televisão e tomando litros de tripas misturadas com sangue. Na tarde de 22 de outubro, foi a vez da FR3 não pegar mais.

Schaltzmann, nessa época, estava num estado repugnante. O apartamento exalava um odor pestilento. Mas ele estava convencido de que o cheiro vinha da podridão que lhe infectava o estômago, o coração e o cérebro. Convencido de estar diante de uma conspiração para cortar-lhe os canais até sobrar apenas o da “reeducação psicológica”, destruiu a tevê e parte da sala.

No começo da noite, foi até o rio, no limite entre Vitry-sur-Seine e Choisy-le-Roi, e cometeu um delito que não praticava

havia vários anos. Na zona industrial deserta em torno do cais e da empresa responsável pelos ataques biológicos, encontrou uma guarita de madeira, num lugar isolado, junto a um armazém de vidros quebrados através dos quais avistou barris de diferentes tamanhos. Derramou um galão inteiro nas paredes maltratadas e jogou um coquetel molotov. A fábrica de medicamentos estava bem atrás do galpão. Poderiam as potências do fogo, para quem havia rezado durante a sua infância, interromper a agressão?

Chamas alaranjadas lamberam a cabana e se ergueram no escuro cuspidando uma fumaça negra e oleosa.

Andreas voltou para o carro e, num lampejo de consciência, atravessou o Sena na ponte de Port-à-l'Anglais, dobrando, em seguida, à direita e subindo o curso do rio até se achar de frente para o incêndio, que, do outro lado das águas tingidas, espalhava fagulhas com uma violência selvagem.

Contemplou longamente o mágico espetáculo do fogo como quando era criança e buscava no espetáculo alucinante dessa força misteriosa a energia necessária para a construção dos seus universos mentais.

Os bombeiros chegaram rapidamente e dominaram o fogo com facilidade. Enquanto eles iam embora no meio da noite, com seus faróis giratórios feito sirenes do fim do mundo, Andreas levantou-se do banco e voltou ao carro.

Foi nesse instante que, atraído por um ruído às suas costas, teve um sobressalto. Um homem segurando um cão caminhava na sua direção. Não estava mais do que a alguns passos do seu carro.

Para Schaltzmann não havia dúvida de que o cara fazia parte da conspiração responsável por inocular ácido no seu fígado.

As suas lembranças são um tanto vagas a partir daí, mas parece que uma angústia total e aterrorizadora tenha, digamos assim, tomado conta dele.

Os depoimentos colhidos ao longo dos interrogatórios contradizem-se.

– “Escutem, eles estavam me bombardeando o cérebro com ondas de rádio, alguém tinha me roubado uma artéria pulmonar, eu não tinha mais sangue, e o cão dele era perigoso...” (extraído dos primeiros interrogatórios, 16 de dezembro de 1993).

– “Todo mundo sabe que a cidade está nas mãos dos nazistas e de todos esses drogados, os verdadeiros, consumidores de substâncias aliens. Todos trabalham para os vegans e contra o Papa... O cachorro se transformou num lupoide de combate, uma arma dos vegans... Além disso, eu sabia que estavam tentando me impedir de comer com todo aquele ácido despejado no meu fígado” (citado no primeiro processo, 10 de dezembro de 1994).

Sem disfarçar, Schaltzmann abriu o bagageiro do seu carro e pegou o saco de lixo furado com a 22 cano longo.

Caminhou na direção de Antoine Simonin e meteu-lhe uma bala no peito. Disparou mais duas ou três a esmo. O homem caiu lentamente raspando o para-choque da 504.

O cão soltou-se e começou a latir furiosamente.

Schaltzmann meteu-lhe uma bala na cabeça. O bicho foi ao chão como um saco vazio. Alucinado, esvaziou a munição restante no crânio do alien, pois estava convencido de que o cérebro do outro atacaria o seu a qualquer momento. Ficou prostrado durante alguns segundos. Depois, enfiou o cão no bagageiro. Rodou durante horas sem saber aonde ia.

Em certo momento, colocou a mão no bolso do casaco e sentiu um objeto duro cuja existência ignorava.

Era um cartão de crédito em nome de Antoine Simonin. Tinham as mesmas iniciais. Junto com o cartão estava um pedaço de papel com um número. Considerou isso um sinal de reconhecimento dos aliens ou uma ordem em código, decorada pelo outro, determinando a sua execução. Em algum lugar, numa cidade desconhecida do grande subúrbio, estacionou num hipermercado Auchan, onde comprou dezenas de caixas de massas Barilla, vidros de pepino, biscoitos, Coca-Cola e leite em pacotes de 12 caixas. Pagou com o cartão de Simonin, encheu o tanque e um galão no posto do hipermercado. A caixa da loja olhou-o de um jeito estranho e ele compreendeu que o lugar devia ser um dos centros de triagem onde os nazistas e os aliens passavam as suas cargas de carne humana. A garota perguntou-lhe se pagaria com cartão ou em dinheiro. Andreas entendeu que ela lhe perguntava se pagaria com carne fresca. Como não tinha, entregou-lhe o cartão. Sentiu que ela

franzia o nariz e o olhava com desprezo. Irritada, ela alcançou-lhe o cartão e um estranho aparelho cheio de teclas.

Andreas hesitou, não queria pegar aquilo, mas era fundamental permanecer discreto. Agarrou a coisa meio desajeitado e ficou se balançando na frente da moça, sem saber o que fazer com aquela máquina alien.

– Digite a senha – disse a garota com uma voz seca e agressiva.

Andreas compreendeu que se tratava do número encontrado junto com o cartão.

– Confirme – disse a garota.

Andreas encontrou enfim a tecla de confirmação.

A garota apertou o nariz quando ele empurrou o carrinho para longe da caixa. O que significaria aquele estranho gesto tipicamente alien?

Saiu convencido de que muitos dias haviam passado até esse momento em que retomou o caminho de casa.

Pôs o corpo do cachorro morto junto com os demais na cozinha. Preparou seus coquetéis com o leite que talhara durante o seu périplo aparentemente amnésico.

Não sabia mais o que fizera do cartão de crédito.

A polícia de Alfortville concluiu tratar-se de um crime fútil, mesmo sendo incapaz de explicar o desaparecimento do cão. Constatou-se o desaparecimento do cartão de crédito, mas não do dinheiro da carteira.

Tudo deve ter acontecido rapidamente. Inúmeras pessoas viram das janelas, segundos antes, o incêndio. Focadas no espetáculo do outro lado do rio, não notaram Andreas e o seu carro estacionado junto ao prédio.

Mal os bombeiros foram embora, começou a chover. Todo mundo fechou as janelas e aumentou o volume da tevê.

Uma única testemunha, morador do prédio vizinho, ouviu os tiros. Sofrendo de artrite, precisou de um bom tempo para chegar à janela. Não viu coisa alguma, exceto uma perua que se afastava rapidamente na direção do, nome mais adequado impossível, “Bairro da Loucura”. O senhor Kazapourian, do ponto em que se encontrava, não podia ver o cadáver, que rolou um pouco para junto da margem.



Voltou com dificuldade para sua poltrona achando que era apenas um espocar de motor.

Um passante descobriu o corpo mais de uma hora depois.

Quando Schaltzmann tomou consciência do que havia feito, rodando ao sul de Paris, vários dias haviam passado. Concluiu que esse fato, assim como muitos outros, decorria dos implantes de memória programados pelos aliens, cujas lembranças ele havia destruído concentrando-se nas imagens do incêndio.

Essa imagem do Fogo dançava na sua cabeça como a ressurreição de um longínquo passado coberto pelas trevas.

As trevas da sua vida.